

PHILIP ROTH

Patrimônio

Uma história real

Tradução

Jorio Dauster



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1991 by Philip Roth
Todos os direitos reservados
1ª edição brasileira: São Paulo, Siciliano, 1991

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Patrimony — A true story

Capa

João Baptista da Costa Aguiar

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Ana Maria Barbosa

Camila Saraiva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Roth, Philip

Patrimônio : uma história real / Philip Roth ; tradução Jorio
Dauster. — 1. ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Patrimony : a true story.

ISBN 978-85-359-2063-5

1. Família Roth 2. País — Estados Unidos — Biografia 3. Roth,
Philip — Século 20 — Família 1. Título.

12-02021

CDD-813.54

Índice para catálogo sistemático:

1. Philip Roth : Relato biográfico 813.54

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1. Muito bem, o que você acha?

Meu pai havia perdido a maior parte da visão no olho direito ao chegar aos oitenta e seis anos, mas, fora isso, parecia gozar de uma saúde excepcional para um homem de sua idade, quando um médico da Flórida diagnosticou, erroneamente, que ele sofria da paralisia de Bell, uma infecção virótica que causa um torpor, em geral temporário, num dos lados da face.

A paralisia se manifestou, de forma súbita, um dia após ele ter voado de Nova Jersey para West Palm Beach a fim de passar os meses de inverno num apartamento cujo aluguel ele dividia com uma contadora aposentada de setenta anos, Lillian Beloff, que morava no andar acima do dele em Elizabeth e com quem se envolvera romanticamente um ano depois da morte de minha mãe, em 1981. No aeroporto de West Palm, ele havia se sentido tão bem que nem se preocupou em pedir a ajuda de um carregador (ao qual, além do mais, seria obrigado a dar uma gorjeta), levando ele mesmo as malas da área de entrega de bagagens até a fila de táxi. E então, na manhã seguinte, viu no espelho do banheiro que metade de seu rosto já não lhe pertencia. O que na

véspera se assemelhava a ele exibia agora as feições de um estranho — a pálpebra inferior do olho ruim cedera, revelando a parte interna; a bochecha daquele lado ficara frouxa, sem vida, como se o osso que a sustentava houvesse sido removido, enquanto os lábios não eram mais retos, passando a formar uma linha diagonal no meio do rosto.

Com a mão, ele empurrou a bochecha direita, pondo-a de volta onde estivera na noite anterior e mantendo-a ali enquanto contava até dez. Fez isso várias vezes naquela manhã — e nos dias que se seguiram —, porém, ao largar a bochecha, ela voltava a desabar. Tentou se convencer de que deitara do lado errado na cama, de que a pele havia simplesmente amassado durante o sono, mas achava mesmo é que tinha tido um derrame. Seu pai ficara inutilizado após sofrer um acidente vascular no início da década de 1940 e, quando ele próprio envelheceu, me disse muitas vezes: “Não quero ir como ele foi. Não quero ficar jogado numa cama daquele jeito. Esse é o meu maior medo”. Contou-me que costumava ver o pai no hospital bem cedo pela manhã, a caminho do escritório no centro da cidade, e ao voltar para casa à tarde. Duas vezes ao dia, acendia cigarros e os colocava na boca do pai e na segunda visita sentava-se ao lado da cama e lia para ele as notícias do jornal em iídiche. Imobilizado e impotente, contando apenas com os cigarros para confortá-lo, Sender Roth durou ainda quase um ano, e, até que um segundo derrame o liquidasse numa noite em 1942, meu pai, duas vezes ao dia, sentava-se ao lado dele e o observava morrer.

O médico que disse a meu pai que ele sofria da paralisia de Bell assegurou que em pouco tempo a maior parte do torpor facial, senão todo ele, iria desaparecer. E, nos dias seguintes, esse prognóstico foi confirmado por três vizinhos no vasto condomínio onde ele alugara o apartamento, os quais haviam tido o mesmo problema e se recuperado. Um deles precisou esperar quase

quatro meses, porém certo dia a paralisia tinha sumido tão misteriosamente como surgira.

A dele não desapareceu.

Logo ele perdeu a audição no ouvido direito. O médico da Flórida examinou o ouvido e mediu a perda auditiva, dizendo-lhe que aquilo nada tinha a ver com a paralisia de Bell. Era apenas algo que acontecia com a idade — ele provavelmente vinha perdendo a audição no ouvido direito de forma tão gradual quanto perdera a visão no olho direito, embora só então houvesse reparado naquilo. Na consulta, quando papai perguntou quanto tempo ainda teria de esperar até a paralisia de Bell desaparecer, o médico disse que, em casos como o dele, em que ela se prolongava tanto, às vezes nunca desaparecia. De acordo com o médico, ele devia se dar por muito satisfeito: a não ser por um olho cego, um ouvido surdo e uma metade de rosto paralisado, ele era tão saudável quanto um homem vinte anos mais moço.

Quando eu lhe telefonava aos domingos, ficava claro que, devido à queda da boca, ele pronunciava mal as palavras, tornando-se difícil entender o que dizia: às vezes soava como alguém que acabara de sair da cadeira do dentista ainda sob os efeitos da novocaína. Quando tomei um avião para visitá-lo na Flórida, fiquei surpreso ao ver que ele talvez não fosse capaz de falar mais nada.

“Muito bem”, ele disse no vestibulo do meu hotel, onde eu me encontrara com ele e Lil para jantarmos, “o que você acha?” Essas foram suas primeiras palavras, enquanto eu ainda me abaixava para beijá-lo. Ele estava afundado ao lado de Lil num sofá de dois lugares com forro alcatifado, mas me encarava para que eu pudesse ver o que tinha acontecido. No último ano, passara a usar de vez em quando uma venda preta para evitar que a luz e o vento irritassem seu olho cego, e essa venda, somada à bochecha e à boca caídas, bem como ao fato de haver emagrecido um

bocado, o havia transformado horrivelmente: em cinco semanas, desde que o vira pela última vez em Elizabeth, ele se tornara um velho alquebrado. Difícil acreditar que somente uns seis anos antes, no inverno seguinte à morte de mamãe, quando dividia o apartamento de Bal Harbour com seu velho amigo Bill Weber, ele não encontrara dificuldade em convencer as viúvas ricas do prédio (as quais tinham se interessado imediatamente pelo gregário senhor recém-enviuado que usava um paletó novo riscado de azul e branco e calças pastel) que acabara de fazer setenta anos, embora toda a família houvesse se reunido no verão anterior em minha casa de Connecticut para comemorar seus oitenta anos.

Durante o jantar no hotel, comecei a entender como a paralisia de Bell impunha limites que iam além dos efeitos sobre suas feições. Ele agora só conseguia beber usando um canudinho, pois de outra forma o líquido escorria pela metade paralisada de sua boca. E comer exigia um esforço grande a cada mordida, acompanhada de muita frustração e vergonha. Após manchar a gravata com sopa, ele aceitou com relutância que Lil lhe amarrasse um guardanapo em volta do pescoço, já tendo outro no colo para proteger as calças tanto quanto possível. Às vezes Lil usava seu próprio guardanapo para remover, contra a vontade dele, um pedaço de comida que caíra da boca e ficara grudado no queixo sem que papai notasse. Frequentemente, ela o lembrava de pôr menos comida no garfo e tentar mastigar um volume menor do que estava acostumado. “Está bem”, ele murmurava, olhando desconsolado para o prato, “está bem, já entendi”, e depois de duas ou três garfadas se esquecia disso. Comer se transformara numa provação deprimente, por isso ele tinha perdido tanto peso e parecia pateticamente subnutrido.

O que tornava tudo ainda mais difícil é que a catarata em ambos os olhos havia avançado nos últimos meses, fazendo com

que até mesmo a visão no olho bom ficasse embaçada. Durante vários anos, meu oftalmologista em Nova York, David Krohn, vinha monitorando a evolução das cataratas de papai e sua perda gradual de visão; quando, em março, ele voltou de sua estada infeliz na Flórida, foi a Nova York pedir a David que removesse a catarata do olho bom. Incapaz de fazer qualquer coisa acerca da paralisia de Bell, estava especialmente ansioso para que alguma providência fosse tomada a fim de lhe devolver a visão. No entanto, ao final da tarde seguinte à consulta, David me telefonou para dizer que relutava em operar o olho do meu pai antes que exames complementares determinassem a causa da paralisia facial e da perda de audição. Ele não estava convencido de que se tratava da paralisia de Bell.

E tinha razão de não estar. Harold Wasserman, o médico de meu pai em Nova Jersey, providenciou ali mesmo a ressonância magnética solicitada por David e, ao receber os resultados do laboratório, me chamou no começo da tarde para transmitir o diagnóstico. Papai tinha um tumor cerebral, segundo ele “um tumor bem grande”; conquanto as imagens da ressonância não permitissem a distinção entre um tumor benigno ou maligno, Harold disse que “de toda forma, esses tumores são fatais”. O próximo passo consistia em consultar um neurocirurgião para precisar de que tipo de tumor se tratava e o que caberia fazer, se é que havia algo a ser feito. “Não estou otimista”, disse Harold, “e acho que você também não deve ficar.”

Consegui levar papai ao neurocirurgião sem lhe contar o que a ressonância magnética já revelara. Menti, dizendo que os exames não haviam mostrado nada, mas que David, por excesso de zelo, queria obter uma última opinião sobre a paralisia facial antes de remover a catarata. Nesse meio-tempo, mandei que as imagens do exame de ressonância fossem entregues no hotel Essex House, em Nova York. Claire Bloom e eu estávamos morando lá

provisoriamente, enquanto procurávamos um apartamento — planejávamos encontrar um lugar em Manhattan depois de passarmos dez anos dividindo nossa vida entre a casa dela em Londres e a minha em Connecticut.

Na verdade, mais ou menos uma semana antes que as imagens do cérebro de papai e o relatório do radiologista houvessem chegado ao hotel num enorme envelope, Claire tinha voltado a Londres para ver a filha e acompanhar as reformas em sua casa, além de se encontrar com o contador que a auxiliava numa arrastada negociação com as autoridades fiscais inglesas. Como ela vinha sentindo uma falta imensa de Londres, a visita de um mês tinha por objetivo permitir não apenas que ela cuidasse dessas questões práticas, mas também que matasse as saudades da cidade. Suponho que se o tumor houvesse sido descoberto mais cedo, quando Claire se encontrava comigo, a preocupação com papai não teria sido tão extraordinariamente intensa, e — pelo menos à noite — eu não teria ficado tão deprimido com a doença dele quanto fiquei por estar sozinho. No entanto, mesmo naquela época me pareceu que a ausência de Claire — bem como o fato de que eu, por estar num hotel e me sentir desenraizado, não conseguia escrever — era uma circunstância auspiciosa: sem nenhuma outra responsabilidade, eu podia me dedicar a ele por inteiro.

Estar sozinho também me possibilitava expressar toda a emoção que eu sentia sem necessidade de assumir uma postura máscula, madura ou filosófica. A sós, eu chorava quando me dava vontade de chorar, e nunca essa vontade foi tão grande como quando tirei do envelope a série de imagens do cérebro dele — não porque eu fosse capaz de identificar com facilidade o tumor que lhe invadia o cérebro, mas simplesmente porque se tratava do cérebro *dele*, do cérebro do meu pai, daquilo que o fazia pensar da forma curta e grossa com que pensava, falar da forma enfática com que falava, raciocinar da forma emotiva com que ra-

ciocinava, decidir da forma impulsiva com que decidia. Aquele era o tecido que produzira seu conjunto de infindáveis preocupações e por mais de oito décadas sustentara sua teimosa autodisciplina, a fonte de tudo que me havia frustrado tanto como filho adolescente, a coisa que comandara nossos destinos nos tempos em que ele era todo-poderoso e ditava os propósitos da família — tudo isso agora estava sendo comprimido, deslocado e destruído devido a “uma grande massa localizada predominantemente na região dos ângulos cerebelopontinos e das cisternas prepontinas. Há uma extensão da massa na direção do sino cavernoso direito cingindo a carótida...” Eu não sabia onde encontrar os ângulos cerebelopontinos ou as cisternas prepontinas, mas tomar conhecimento, no laudo do radiologista, de que a artéria carótida estava circundada pelo tumor foi como ler sua sentença de morte. “Há também uma destruição aparente do ápice petroso direito. Verifica-se um deslocamento substancial posterior e a compressão da ponte e do pedúnculo cerebelar direito por essa massa...”

Como eu estava sozinho e nada me inibia, não fiz o menor esforço para me defender de coisa alguma enquanto as imagens de seu cérebro, fotografado de todos os ângulos, se espalhavam pela cama do hotel. Talvez o impacto não tivesse sido tão forte quanto se eu estivesse segurando aquele cérebro em minhas mãos, porém foi bem parecido. A vontade de Deus um dia irrompera numa sarça ardente e, de modo não menos milagroso, a vontade de Herman Roth fora gerada ao longo de todos aqueles anos pelo órgão bulboso que eu tinha diante de mim. Eu havia visto o cérebro de meu pai, tudo e nada fora revelado. Um mistério muito, muito próximo do divino: o cérebro, mesmo que de um mero corretor de seguros aposentado que havia completado apenas o curso primário na escola da Décima Terceira Avenida em Newark.

Meu sobrinho Seth levou papai até Millburn para ver o neurocirurgião, o dr. Meyerson, no consultório que mantinha no subúrbio. Eu arranjava para que ele fosse atendido lá, e não no Hospital Universitário de Nova Jersey, imaginando que a mera localização do consultório do médico no hospital, que me disseram ficava na ala oncológica, o alertaria para o fato de estar com câncer, quando tal diagnóstico não havia sido feito e ele ainda nem sabia que tinha um tumor. Dessa forma, não ficaria apavorado, ao menos por algum tempo.

Quando, depois, conversei com o dr. Meyerson pelo telefone, ele me disse que um tumor como o de papai, localizado na frente do tronco cerebral, era benigno em cerca de noventa e cinco por cento dos casos. Segundo Meyerson, possivelmente o tumor vinha crescendo ao longo dos últimos dez anos, mas o surgimento recente da paralisia facial e a surdez no ouvido direito sugeriam que “num prazo relativamente curto”, como ele disse, “a coisa vai piorar”. Contudo, ainda era possível removê-lo cirurgicamente. Explicou que setenta e cinco por cento dos pacientes operados sobreviviam e acusavam melhora, dez por cento morriam na mesa de cirurgia e outros quinze por cento morriam pouco após a intervenção ou ficavam em situação pior.

“Se ele sobreviver”, perguntei, “como será a convalescença?”

“Difícil. Vai ficar numa clínica para convalescentes durante um mês — talvez dois ou três meses.”

“Quer dizer, um inferno.”

“É duro”, ele disse, “mas se nada for feito pode ser pior.”

Como eu não queria lhe transmitir as notícias de Meyerson por telefone, na manhã seguinte, quando liguei para papai por volta das nove da manhã, disse que iria visitá-lo em Elizabeth.

“Então é ruim mesmo”, ele disse.

“Vou até aí e conversamos sobre isso.”

“Eu estou com câncer?”, ele me perguntou.

“Não, não está.”

“Então é o quê?”

“Tenha paciência por mais uma hora e, quando eu chegar aí, explico qual é exatamente a situação.”

“Quero saber agora.”

“É só mais uma hora, menos de uma hora”, insisti, convencido de que era melhor para ele esperar, por mais assustado que estivesse, do que eu contar sem rodeios pelo telefone e deixá-lo sozinho, em estado de choque, até minha chegada.

Dada a tarefa que me cabia cumprir, não é de estranhar que, ao sair da autoestrada em Elizabeth, eu tenha perdido a entrada que me levaria à North Avenue e diretamente ao prédio de apartamentos de meu pai a alguns quarteirões de distância. Em vez disso, fui parar numa estrada de Nova Jersey que, uns três quilômetros adiante, ladeava o cemitério onde minha mãe fora enterrada sete anos antes. Não imaginei que houvesse nada de místico no fato de eu ter ido parar lá, mas, de qualquer modo, era incrível ver até onde me levava uma viagem de carro de vinte minutos iniciada em Manhattan.

Eu só tinha ido a esse cemitério duas vezes: a primeira, no dia do funeral de mamãe, em 1981, e a segunda quando levei papai para visitar o túmulo dela um ano depois. Em ambas as ocasiões, por ter saído de Elizabeth e não de Manhattan, eu nem sabia que era possível chegar ao cemitério pela autoestrada. Se eu estivesse querendo ir de carro ao cemitério naquele dia, muito provavelmente teria me perdido no emaranhado de saídas para o aeroporto de Newark, o porto de Newark, o porto de Elizabeth e para o retorno ao centro de Newark. Apesar de eu não estar consciente nem inconscientemente procurando o cemitério na manhã em que teria de falar com papai sobre o tumor cere-

bral que o mataria, eu havia percorrido o trajeto mais curto entre meu hotel em Manhattan e a sepultura de minha mãe, ao lado da qual ele seria enterrado.

Não queria deixá-lo aguardando por mais tempo do que seria absolutamente necessário, porém, ao chegar lá, fui incapaz de seguir em frente como se nada fora do comum houvesse acontecido. Não esperava aprender nada de novo ao descer do carro e me postar diante da sepultura de mamãe naquela manhã; não esperava ser reconfortado ou fortalecido pela lembrança dela, ou de algum modo me preparar melhor para ajudar papai em seu sofrimento; nem imaginava que me sentiria fragilizado ao ver o espaço para a sepultura dele ao lado da dela. O acaso de eu ter enveredado por uma saída errada me levara até lá, e tudo que fiz ao descer do carro e procurar sua sepultura no cemitério foi dobrar-me a uma força imperativa. Minha mãe e os outros defuntos haviam sido levados para lá pela força imperativa do que, no final das contas, era um acidente ainda mais improvável — o fato de um dia terem vivido.

Quando se visita uma sepultura, todo mundo tem pensamentos mais ou menos iguais, que, abstraída a questão da eloquência, não diferem muito daqueles que Hamlet expressou ao contemplar o crânio de Yorick. Há muito pouco para se pensar ou dizer que não seja uma variante de “Ele me carregou nos ombros mil vezes”. Num cemitério, a gente costuma se dar conta de como são limitados e banais nossos pensamentos sobre o assunto. Ah, pode-se tentar conversar com o morto, caso você acredite que isso possa ser útil; pode-se começar, como fiz naquela manhã, dizendo: “Muito bem, mamãe...”, porém é difícil não pensar — mesmo que se tenha ido além da primeira frase — que você poderia, do mesmo modo, estar conversando com a coluna vertebral pendurada no consultório de algum osteopata. Você pode fazer promessas a eles, pô-los a par das últimas notícias, im-

plorar que o compreendam, que o desculpem ou que lhe deem seu amor — ou pode optar por uma abordagem oposta, mais efetiva, arrancando as ervas daninhas, ajeitando os cascalhos, passando o dedo pelas letras gravadas na lápide; pode até se abaixar e pôr as mãos diretamente sobre os vestígios deles — tocando a terra, a terra *deles*, pode fechar os olhos e recordar-se de como eram quando ainda estavam a seu lado. Mas nada se modifica com tais recordações, exceto que os mortos parecem ainda mais distantes e fora do alcance do que estavam quando você dirigia o carro dez minutos antes. Se não há ninguém no cemitério para observá-lo, você pode fazer algumas coisas bem doidas a fim de conseguir que os mortos pareçam algo mais do que são. Mas, mesmo que você tenha êxito e se motive suficientemente para *sentir a presença deles*, ainda assim irá embora sem eles. O que os cemitérios provam, ao menos para gente como eu, não é que os mortos estão presentes, mas que se foram de vez. Eles se foram, enquanto nós, por enquanto, não fomos. Isso é fundamental e, embora inaceitável, bem fácil de compreender.